

Transcrição das entrevistas

Entrevistado/a: Técnica 1

Duração da entrevista: 37min (Início: 16h03min - Fim: 16h40min)

1 - Como caracteriza o modo como os jovens qualificados recorrem aos centros de emprego?

Recorrem de forma normal como qualquer outro cidadão. Tendem a recorrer mais quando concluem o ensino superior.

2 - Quais as principais dificuldades com que estes jovens se confrontam na sua entrada no mercado de trabalho?

A ausência de ofertas compatíveis com a formação superior, a falta de experiência profissional, que é uma dimensão bastante valorizada pelas empresas e que facilita a inserção no mercado de trabalho, e a falta de ofertas de emprego na região.

3 - Considera que existem diferenças entre a procura do primeiro emprego e após a primeira experiência profissional dos jovens qualificados? Se sim, quais?

Sim, existem diferenças. Os jovens que já tiveram a primeira experiência no mercado de trabalho apresentam uma maior capacidade de inserção, possuem mais experiência profissional, já adquiriram/desenvolveram determinadas competências.

4 - Quais as principais vulnerabilidades que tem encontrado na inserção profissional dos jovens qualificados?

A falta de maturidade, dificuldades nas relações interpessoais a falta de competências pessoais e sociais (“soft skills”). As “soft skills” são tão ou mais valorizadas que as competências técnicas. As competências técnicas são valorizadas na ocupação de profissões qualificadas, mas não são suficientes se os jovens não possuírem essas “soft skills”.

5 - Quais as competências que, atualmente, são mais valorizadas em contexto profissional/pelas entidades empregadoras?

Os conhecimentos técnicos são valorizados, mas sobretudo as “soft skills”. Até as áreas que não exigem tanto contacto interpessoal, como a área da informática, têm vindo a valorizar cada vez mais as “soft skills”. As empresas valorizam bastante o currículo (o seu conteúdo).

6 - Quais as motivações e expetativas destes jovens quando procuram os centros de emprego?

Os apoios que existem às pessoas que estão inscritas nos centros de emprego, como apoios financeiros, e o facto dos centros de emprego abrirem portas/terem programas, como os estágios profissionais, que de outro modo os jovens não teriam acesso, e que facilitam a inserção no mercado de trabalho.

7 - Considera que estas expectativas encontram correspondência no mercado de trabalho? Porquê?

Penso que hoje mais do que em outras épocas, os jovens têm consciência das dificuldades que vão encontrar no mercado de trabalho.

8 - Que mecanismos e recursos dispõem os centros de emprego para auxiliar a inserção profissional dos jovens qualificados?

Possui medidas de emprego como os estágios - emprego, que constituem uma mais valia para os jovens e para a aquisição de experiência profissional (que é muito valorizada). Os jovens à procura do primeiro emprego constituem uma prioridade para o IEFP. O IEFP tem consciência da taxa de desemprego juvenil e da necessidade de a combater.

9 - Quais as medidas de emprego maioritariamente utilizadas para a inserção destes jovens no mercado de trabalho?

A medida mais emblemática é sem dúvida os Estágios-Emprego, que agora são designados por Estágios Profissionais. A criação do próprio emprego, o empreendedorismo jovem, também tem ganho alguma visibilidade.

10 - Que balanço faz destas medidas?

O balanço destas medidas é muito bom. A medida com maior êxito é, sem dúvida, os estágios. Em finais de 2015, os estágios registavam 70% de empregabilidade. Esta medida não é 100% viável, pois as entidades empregadoras podem não acolher os jovens, por não ter condições para a criação de novos postos de trabalho. Mas através desta medida temos obtido grandes resultados. Apesar da celebração de um contrato não ser obrigatória por parte das empresas (como na medida Contrato-Emprego), as entidades empregadoras acabam por contratar os estagiários. Sem os estágios torna-se complicado. Também há uma espécie de benefício para a empresa contratar um jovem. Esta medida dá também mais conforto aos jovens, pois ganham experiência profissional e têm um maior conhecimento do mercado de trabalho. Os jovens podem também não conseguir um estágio por não quererem estágio, por não possuírem as competências necessárias ou por terem um mau currículo.

11 - Que balanço faz da inserção profissional dos jovens qualificados inscritos no centro de emprego?

A taxa de desemprego agora está mais baixa, mas ainda é elevada em comparação aos restantes países da União Europeia. Mas ainda há muito por fazer neste sentido.

12 - Quais as áreas onde se verifica uma maior integração destes jovens?

A área de tecnologias da informação. A universidade fez uma grande aposta nesta área e as empresas que se vieram instalar na região também têm criado mais postos de trabalho na área das tecnologias da informação.

13 - Qual o tempo médio de inserção?

Não sei responder a esta questão. Depende das áreas e cada jovem representa um caso diferente. Depende também se está em estágio (que tem a duração de 9 meses). O mercado de trabalho não tem tido a capacidade de absorver todas as áreas e, no caso das tecnologias da informação, existe uma maior procura e o tempo de inserção é menor.

14 - Considera que poderão existir/que são necessárias outro tipo de respostas para atenuar as dificuldades de inserção profissional destes jovens? Se sim, quais?

Maiores apoios ao empreendedorismo e ao programa Investe-Jovem. É necessário investir mais neste âmbito e também inculcar aos jovens que o empreendedorismo pode ajudar a colmatar o desemprego. São também necessários outros apoios específicos para estimular os jovens.

15 - Enquanto técnico/a do IEFP, que ações considera que os jovens qualificados poderão desenvolver para promover a sua integração no mercado de trabalho?

Os jovens têm muitas lacunas nas competências extracurriculares, como as línguas (inglês e francês) que são competências cada vez mais exigidas pelas empresas e também nas competências de informática mais evoluída. Também depende das áreas, porque há competências que são mais valorizadas numa determinada área e outras noutra área. Nesse sentido, dispomos do programa vida-ativa que desenvolve diversas ações de formação, que podem ajudar os jovens a adquirir mais competências.

Entrevistado/a: Técnica 2

Duração da entrevista: 39min (Início: 16h44min - Fim: 17h25min)

1 - Como caracteriza o modo como os jovens qualificados recorrem aos centros de emprego?

Existem muitos jovens inscritos no IEFP e esse número tem vindo a aumentar ao longo do tempo. Muitos deles têm o propósito de beneficiar de um estágio profissional ou de uma medida ativa de emprego. Eles sabem que podem beneficiar dos apoios. Há também estudantes que estão inscritos para ganhar mais tempo para reunir condições para que as empresas os possam contratar. Há também mais confiança na instituição, inserir-se no mercado de trabalho está a ser mais difícil e o período de desemprego tem cada vez uma duração mais longa.

2 - Quais as principais dificuldades com que estes jovens se confrontam na sua entrada no mercado de trabalho?

A falta de experiência profissional, que exigida pelas empresas e é também por isso que os estágios se tornam importantes, e também alguma dificuldade na procura de emprego. Há jovens que enviam currículos, contactam as empresas pessoalmente e são dinâmicos. No entanto, há outros que pensam que a formação é suficiente e ficam a aguardar por uma oportunidade de emprego. Neste sentido, é importante a proatividade. Há também mais

facilidade se os jovens se candidatarem a várias áreas e se despendem mais tempo na procura de emprego, acabam por ser mais eficazes. É importante não desperdiçar oportunidades e há cada vez mais jovens a investir noutras áreas.

3 - Considera que existem diferenças entre a procura do primeiro emprego e após a primeira experiência profissional dos jovens qualificados? Se sim, quais?

Sim, existem diferenças. Existe uma valorização da experiência profissionais. Os jovens que já tiveram essa experiência têm uma perceção diferente do mercado de trabalho e das suas condições e têm uma maior maturidade. Mesmo que a primeira experiência seja má, os jovens retiram sempre daí uma forma de aprendizagem, o que é uma mais valia. Estes jovens mostram também uma maior disponibilidade para a mobilidade geográfica.

4 - Quais as principais vulnerabilidades que tem encontrado na inserção profissional dos jovens qualificados?

Sobretudo a falta de oferta de emprego e o facto de existirem poucas empresas na região. Também falta alguma abertura por parte dos jovens a outras experiências para lá da sua formação.

5 - Quais as competências que, atualmente, são mais valorizadas em contexto profissional/pelas entidades empregadoras?

Valorizam bastante as qualidades pessoais (como o empenho, o interesse, o “vestir a camisola da empresa, a dedicação, a vontade de trabalhar), as competências transversais (como as competências comunicacionais, a proatividade, o empreendedorismo), os conhecimentos técnicos, a experiência, a capacidade de adaptação e de resposta às exigências, a disponibilidade.

6 - Quais as motivações e expectativas destes jovens quando procuram os centros de emprego?

Os jovens dão importância à continuidade na empresa, os contratos temporários não são motivadores.

7 - Considera que estas expectativas encontram correspondência no mercado de trabalho? Porquê?

De certa forma sim, mas ficam um pouco aquém daquilo que os jovens desejam. Há empresas que incentivam a contratação a termo (renovação de contratos de curta duração). Os contratos de um ano ou sem termo são apoiados. Também depende dos jovens. Geralmente há empresas de contrato temporário que contratam por um curto período de tempo e depois voltam a contratar e eles vão-se adaptando.

8 - Que mecanismos e recursos dispõem os centros de emprego para auxiliar a inserção profissional dos jovens qualificados?

Disponibilização de ofertas de emprego, qualificação profissional que funciona como um complemento à formação e tem uma boa aceitação por parte dos jovens, medidas ativas de emprego, como os estágios profissionais e o contrato-emprego, a ocupação profissional para jovens que já tiveram a primeira experiência profissional e sessões de esclarecimento/formação acerca das medidas ativas de emprego e de formação.

9 - Quais as medidas de emprego maioritariamente utilizadas para a inserção destes jovens no mercado de trabalho?

Maioritariamente os estágios profissionais, mas também o contrato emprego.

10 - Que balanço faz destas medidas?

Têm vindo a contribuir, em grande medida, para a inserção profissional destes jovens. Existe uma maior taxa de emprego, sobretudo nos estágios profissionais.

11 - Que balanço faz da inserção profissional dos jovens qualificados inscritos no centro de emprego?

A taxa de empregabilidade não é muito elevada, a inserção ocorre maioritariamente através dos estágios. Há empresas na região que acabam por contratar os jovens. Mas o tecido empresarial condiciona muito a inserção profissional, não há investimento por causa da crise económica.

12 - Quais as áreas onde se verifica uma maior integração destes jovens?

Há bastante na área da informática

13 - Qual o tempo médio de inserção?

Nos jovens que estão disponíveis para aceitar qualquer tipo de emprego é cerca de 3 a 6 meses, mas não tenho a certeza.

14 - Considera que poderão existir/que são necessárias outro tipo de respostas para atenuar as dificuldades de inserção profissional destes jovens? Se sim, quais?

Maior investimento na formação profissional e nas técnicas de procura de emprego, para alguns jovens.

15 - Enquanto técnico/a do IEFP, que ações considera que os jovens qualificados poderão desenvolver para promover a sua integração no mercado de trabalho?

Serem dinâmicos e proativos e investir mais tempo e organizar melhor a procura de emprego.

Entrevistado/a: Técnico 3

Duração da entrevista: 31min (Início: 16h04min - Fim: 16h35min)

1 - Como caracteriza o modo como os jovens qualificados recorrem aos centros de emprego?

Os jovens recorrem aos centros de emprego, sobretudo, após a conclusão da licenciatura ou do mestrado. Aqui no centro de emprego, existem alternativas que potenciam a inserção no mercado de trabalho e favorecem a sua integração de uma forma mais eficaz. Há uma grande tendência por parte destes jovens para a procura dos centros de emprego.

2 - Quais as principais dificuldades com que estes jovens se confrontam na sua entrada no mercado de trabalho?

Há jovens que se vêm inscrever que já fizeram contacto com as entidades empregadoras e com a inscrição podem beneficiar das medidas, como os estágios. Os jovens que ainda não estabelecem contacto com os empregadores apresentam mais dificuldades em integrar-se profissionalmente, mas também varia de acordo com as áreas. Há uma grande falta de empresas e existe um grande desfasamento entre as áreas em que os jovens se formam e a oferta de emprego na residência.

3 - Considera que existem diferenças entre a procura do primeiro emprego e após a primeira experiência profissional dos jovens qualificados? Se sim, quais?

Sim. Nos jovens que estão à procura do primeiro emprego há falta de experiência profissional, que é um fator muito valorizado na entrada para o mercado de trabalho.

4 - Quais as principais vulnerabilidades que tem encontrado na inserção profissional dos jovens qualificados?

Sobretudo a capacidade financeira das empresas, não existe suporte económico por parte das empresas para criar postos de trabalho. As empresas aproveitam os estágios e os apoios disponibilizados para colocar os jovens, mas há poucas empresas a contratar jovens após a realização dos estágios profissionais, mesmo precisando de mão de obra qualificada e de jovens.

5 - Quais as competências que, atualmente, são mais valorizadas em contexto profissional/pelas entidades empregadoras?

A experiência profissional é a competência mais valorizada, mas também valorizam as competências técnicas, a universidade.

6 - Quais as motivações e expectativas destes jovens quando procuram os centros de emprego?

Não há grande preocupação por com o tipo de contrato de trabalho. Eles estão preocupados em estabelecer contacto com a entidade empregadora e em fazer o melhor possível dentro da empresa.

7 - Considera que estas expectativas encontram correspondência no mercado de trabalho? Porquê?

Penso que as expectativas ficam muito aquém. Há uma redução da taxa de integração nas empresas, por exemplo nos estágios, as empresas acabam por não contratar os jovens quando acaba os estágios.

8 - Que mecanismos e recursos dispõem os centros de emprego para auxiliar a inserção profissional dos jovens qualificados?

Medidas ativas de emprego, várias modalidades de formação que permitem o reforço ao nível das competências, acompanhamento dos jovens desde o momento da inscrição até à integração no mercado de trabalho, há uma monitorização do percurso dos jovens e do trabalho que estes vão desenvolvendo.

9 - Quais as medidas de emprego maioritariamente utilizadas para a inserção destes jovens no mercado de trabalho?

É sem dúvida os estágios

10 - Que balanço faz destas medidas?

Há muitas dificuldades nas empresas. O estágio em termos de eficácia tem vindo a diminuir. Há uma redução dos apoios financeiros às empresas, o que dificulta a integração dos jovens.

11 - Que balanço faz da inserção profissional dos jovens qualificados inscritos no centro de emprego?

A tendência é de diminuição dos jovens que conseguem inserir-se no mercado de trabalho. Em determinadas áreas é muito difícil. Há muitos jovens inscritos que fazem estágios e como não conseguem colocação após o estágio vão trabalhar para outras zonas.

12 - Quais as áreas onde se verifica uma maior integração destes jovens?

Na área da informática, em biotecnologia e também um pouco na área comercial, embora esta seja muito abrangente.

13 - Qual o tempo médio de inserção?

Quando os jovens se vêm inscrever e já contactaram a empresa onde vão estagiar, a inserção pode ocorrer no espaço de 2 meses. Tem vindo a aumentar o número de jovens que permanecem desempregados por mais de 1 ano, o tempo de integração é cada vez mais longo.

14 - Considera que poderão existir/que são necessárias outro tipo de respostas para atenuar as dificuldades de inserção profissional destes jovens? Se sim, quais?

A criação de um ambiente propício por parte das empresas para a integração dos jovens. É necessário um maior investimento nas empresas para a criação de postos de trabalho e melhorar as condições para que se possa reduzir o tempo de desemprego.

15 - Enquanto técnico/a do IEFP, que ações considera que os jovens qualificados poderão desenvolver para promover a sua integração no mercado de trabalho?

Penso que os jovens devem colocar em prática o mais rapidamente possível os seus conhecimentos. Devem procurar as empresas e realizar trabalho voluntário para a aquisição de capital, penso que constitui sempre uma mais valia.

Entrevistado/a: Técnica 4

Duração da entrevista: 16min (Início: 16:05min - Fim: 16:21min)

1 - Como caracteriza o modo como os jovens qualificados recorrem aos centros de emprego?

Recorrem mais quando terminam a licenciatura e vêm-se inscrever com grandes expectativas de encontrar emprego na área.

2 - Quais as principais dificuldades com que estes jovens se confrontam na sua entrada no mercado de trabalho?

Encontrar trabalho aqui na zona e o vencimento

3 - Considera que existem diferenças entre a procura do primeiro emprego e após a primeira experiência profissional dos jovens qualificados? Se sim, quais?

Sim, os jovens que tiveram contacto com o mercado de trabalho já têm experiência profissional e isso é uma mais valia. A maioria das ofertas de emprego pedem pessoas com experiência.

4 - Quais as principais vulnerabilidades que tem encontrado na inserção profissional dos jovens qualificados?

A falta de ofertas de emprego que se adequam ao perfil do candidato, e eles acabam muitas vezes por se candidatar a outras ofertas que não são na área, e o vencimento.

5 - Quais as competências que, atualmente, são mais valorizadas em contexto profissional/pelas entidades empregadoras?

O empenho, o ser sociável, a experiência profissional e a disponibilidade.

6 - Quais as motivações e expectativas destes jovens quando procuram os centros de emprego?

Os jovens querem aplicar aquilo que aprenderam no seu curso e têm grande expectativas de ficar na empresa depois do estágio. Tem havido uma elevada taxa de colocação com esta medida. A entidade já conhece o candidato e o seu trabalho e se ele se empenhar acabam por contrata-lo, apesar de haver sempre jovens que não ficam colocados.

7 - Considera que estas expectativas encontram correspondência no mercado de trabalho? Porquê?

Por vezes até conseguem colocação na área através dos estágios.

8 - Que mecanismos e recursos dispõem os centros de emprego para auxiliar a inserção profissional dos jovens qualificados?

Disponibilização de ofertas de emprego, medida de emprego como os estágios-emprego e o contrato emprego-inserção e oferta formativa.

9 - Quais as medidas de emprego maioritariamente utilizadas para a inserção destes jovens no mercado de trabalho?

O estágio-emprego e o contrato emprego

10 - Que balanço faz destas medidas?

Faço um balanço positivo. Muitas entidades acabam por absorver estes jovens. Tem havido muitas colocações.

11 - Que balanço faz da inserção profissional dos jovens qualificados inscritos no centro de emprego?

Tem havido uma taxa bastante positiva de inserção

12 - Quais as áreas onde se verifica uma maior integração destes jovens?

As áreas de engenharias e de saúde são as áreas onde há menos pessoas inscritas.

13 - Qual o tempo médio de inserção?

Há áreas de maior inserção que outras. Não há muitos jovens desempregados há mais de 1 ano, porque eles têm flexibilidade em trabalhar noutras áreas.

14 - Considera que poderão existir/que são necessárias outro tipo de respostas para atenuar as dificuldades de inserção profissional destes jovens? Se sim, quais?

Não. Penso que aqui no IEFP há muitos apoios quer às empresas quer aos jovens.

15 - Enquanto técnico/a do IEF, que ações considera que os jovens qualificados poderão desenvolver para promover a sua integração no mercado de trabalho?

Penso que deve haver uma procura ativa de emprego, os jovens devem vir regularmente aos centros de emprego, candidatar-se a ofertas de emprego, consultar diariamente as ofertas de emprego via internet.

Entrevistado/a: Técnica 5

Duração da entrevista: 24min (Inicio: 16:04min - Fim: 16:28min)

1 - Como caracteriza o modo como os jovens qualificados recorrem aos centros de emprego?

Geralmente recorrem aos centros de emprego e fazem a inscrição à espera de um estágio profissional. Têm a perspetiva do estágio profissional e inscrevem-se aqui. Muitas vezes inscrevem-se para ter acesso às ofertas do netemprego. Recorrem mais aos centros de emprego hoje, os jovens que não conseguem colocação no mercado de trabalho de imediato, portanto há profissões em que não recorrem, por exemplo os médicos não recorrem aos centros de emprego, mas já nem é por terem emprego imediato, mas é por terem um percurso em que vão ter ou um estágio e depois todas aqueles níveis hospitalares, vão fazendo o seu percurso paralelo e não recorrem. Os engenheiros eletrotécnicos e os engenheiros informáticos também não recorrem, porque ainda não terminaram o seu curso e já existem empresas interessadas.

2 - Quais as principais dificuldades com que estes jovens se confrontam na sua entrada no mercado de trabalho?

No meu entender, é não terem nenhum conhecimento do mercado de trabalho e da maneira como se vão comportar numa entrevista, digamos que o ser estudante não tem nada a ver com o ser trabalhador e eu acho que é essa a dificuldade que depois encontram. No mercado de trabalho é completamente diferente, tem de existir de existir a nível das emoções alguma maturidade, coisa que por vezes não têm, e até podem entrar numa empresa, mas passados dois ou três dias estão a desistir porque não aguentam a pressão.

3 - Considera que existem diferenças entre a procura do primeiro emprego e após a primeira experiência profissional dos jovens qualificados? Se sim, quais?

Existem diferenças pelo menos dessa primeira experiência que tiveram e desse confronto com a realidade, têm mais maturidade, alguns porque outros não conseguem alcançar essa maturidade.

4 - Quais as principais vulnerabilidades que tem encontrado na inserção profissional dos jovens qualificados?

Existem dificuldades por falta de experiência dos jovens, isso é natural que exista, e muitas vezes as empresas não estão disponíveis para dar a possibilidade, sobretudo quando existe

muita oferta de mão de obra, nas profissões em que não há dificuldade em encontrar jovens. Existe da parte do mercado de trabalho essa dificuldade e existe, às vezes, da parte dos jovens, dificuldades em saber quais os canais a utilizar, a maneira como devem procurar, onde devem fazer isso.

5 - Quais as competências que, atualmente, são mais valorizadas em contexto profissional/pelas entidades empregadoras?

Agora fala-se muito da inteligência emocional nas empresas, porque existem formações muito abrangentes e que dão para quase tudo. Às vezes nem interessa haver muita especificidade, o que interessa é adaptar-se ao grupo, aos colegas de trabalho, à maneira de trabalhar da empresa, muitas vezes é mais importante que os próprios conhecimentos, é evidente que conhecimentos têm de ter, os conhecimentos que com os meios tecnológicos nós temos, também há conhecimentos que se conseguem através da internet, lendo coisas na internet. Portanto, eu não sou favor de formações generalistas, mas aquilo que é mais importante do que a formação é a inteligência emocional. É importante o jovem saber exatamente aquilo que lhe é pedido em contexto profissional, saber ler aquilo que lhe é pedido.

6 - Quais as motivações e expectativas destes jovens quando procuram os centros de emprego?

Na primeira fase, as pessoas quando recorrem querem um posto de trabalho em que vão aplicar os conhecimentos, especificamente na sua área de formação. À medida que vai decorrendo a procura e que os jovens começam a ser confrontados com as grandes dificuldades, chegam, por vezes, e isto ocorre passado 7, 8, 9 meses. Porque estar 6 meses à procura de emprego é o normal, tirando aquelas situações que já referi. Agora quando começa a decorrer já mais tempo e chegamos a 1 ano, os jovens se forem inteligentes mudam o discurso e vão procurar alguma coisa/área, a pessoa não tem só conhecimentos que adquiriu na universidade, tem com certeza outros e tem com certeza outras aptidões que não desenvolveu ainda na universidade. A procura depois começa a alargar para outras possibilidades sem ser aquela da formação. Aparecem aqueles empregos que dão para qualquer um a partir do 12º ano, ou seja, os call center e outras coisas, ou então procuram sair para o estrangeiro, alguns. Há muitos jovens a procurar emprego em outras áreas. (Expectativas de continuidade na empresa?) Quem entra no mercado quer que seja definitivo, mas normalmente nos estágios há alguma empregabilidade e há à volta de 70% de empregabilidade nos estágios profissionais, mas os outros 30% não. Há sempre a esperança de conseguir permanecer no mercado de trabalho, há outros que não querem, fizeram uma primeira abordagem no mercado de trabalho naquela empresa e não gostaram da empresa e, portanto, querem outra experiência, diversificar as coisas.

7 - Considera que estas expectativas encontram correspondência no mercado de trabalho? Porquê?

Não encontram. A maioria que não teve uma experiência de trabalho tem dificuldade numa relação subordinada.

8 - Que mecanismos e recursos dispõem os centros de emprego para auxiliar a inserção profissional dos jovens qualificados?

Essa é uma grande preocupação do governo, há uma grande preocupação em conseguir encontrar uma primeira abordagem ao mercado de trabalho. Para isso existe a medida estágios e os estágios têm sido uma medida a que as empresas têm recorrido muito, em que o Estado gasta muito dinheiro e a Europa também e que têm tido alguns resultados. Neste momento, a medida está a ser alterada, já foi alterada, já saiu nova legislação e estamos a ver como será a nova implementação agora no futuro, como vai ser recebida pelas empresas, mas em princípio não há alterações muito significativas, será bem recebida e vai continuar a ser uma maneira de integrar os jovens

9 - Quais as medidas de emprego maioritariamente utilizadas para a inserção destes jovens no mercado de trabalho?

Para os jovens, são os estágios.

10 - Que balanço faz destas medidas?

60 a 70% de integração, o que é muito bom.

11 - Que balanço faz da inserção profissional dos jovens qualificados inscritos no centro de emprego?

12 - Quais as áreas onde se verifica uma maior integração destes jovens?

As engenharias, neste momento, são as áreas em que há maior integração.

13 - Qual o tempo médio de inserção?

Em média 6 meses para as profissões mais comuns e que têm ainda empregabilidade. Mais de 6 meses para as outras e para quem não quer arriscar, vir a encarar uma profissão afim. Existem aqueles que são integrados imediatamente que mal entram já estão empregados e depois existe outra franja que só mudando de área é que conseguem. Dentro das áreas com menor empregabilidade existem muitos jovens desempregados há mais de 1 ano.

14 - Considera que poderão existir/que são necessárias outro tipo de respostas para atenuar as dificuldades de inserção profissional destes jovens? Se sim, quais?

As respostas têm de começar pela formação, pelo tipo de formação que se oferece. Não se pode estar a oferecer formação que o mercado de trabalho não quer. Quando se faz formação, nomeadamente as universidades e o IEFP, qualquer formação que se faça tem que ter em conta

o presente e sobretudo o futuro do mercado de trabalho, porque nós sabemos há profissões que vão desaparecer dentro de uma década e há outras formações que nós nem sonhamos que vão aparecer para substituir essas. E é esse estudo que é necessário, estar constantemente a fazer pesquisas nessa área, a saber para onde vamos para poder antecipar pelo menos em 5 anos as necessidades do mercado de trabalho. Quando entram hoje na universidade saberem que daqui a 5 anos têm possibilidades de entrar no mercado de trabalho, por exemplo, o caso da medicina neste momento, os estudantes de medicina já têm de ter consciência que se calhar daqui a 5 anos já vão ter algumas dificuldades ou as mesmas dificuldades que as outras áreas. O mercado de trabalho vai saturando, por isso eles já não deixam formar muita gente, o número de vagas dos cursos deve ser mais curto do que as necessidades, a lei de mercado é esta da oferta e da procura em todo o lado. Nós temos umas formações modelares e há muitos jovens a fazer essas formações modelares para, precisamente, abrir o leque de oportunidades no mercado de trabalho. Inclusivamente conhecemos muitos jovens, até com experiências de trabalho, que saíram e agora voltaram à universidade para procurar as profissões que têm as saídas profissionais asseguradas.

15 - Enquanto técnico/a do IEFP, que ações considera que os jovens qualificados poderão desenvolver para promover a sua integração no mercado de trabalho?

Tem várias. A formação sobre inteligência emocional e que não existe, era uma boa opção. Existem muitos cursos para chefias, para saber como é que as chefias devem adaptar o seu comportamento para retirar o melhor dos seus colaboradores, mas coaching virado para a inteligência emocional, até na própria universidade, fazer ações de coaching para melhorar a inteligência emocional, para os jovens aprenderem a enfrentar o mercado de trabalho. Nunca desistir, ser persistente, a perseverança vale muito em todas as circunstâncias, reger-se por valores mas dar-se valor a si próprio, boa autoestima.

Entrevistado/a: Técnico 6

Duração da entrevista: 26min (Início: 16:31min - Fim: 17:05min)

1 - Como caracteriza o modo como os jovens qualificados recorrem aos centros de emprego?

Os jovens recorrem, sobretudo, depois de terminar o curso. Inscrevem-se para estágios-emprego, vêm informar-se, vão a sessões de informação.

2 - Quais as principais dificuldades com que estes jovens se confrontam na sua entrada no mercado de trabalho?

O mercado de trabalho local não é muito abrangente em certas áreas, não há empresas na região que se adequem a determinadas áreas. Quando os jovens encontram melhores condições de trabalho vão para outras regiões do país ou para o estrangeiro (mobilidade geográfica).

3 - Considera que existem diferenças entre a procura do primeiro emprego e após a primeira experiência profissional dos jovens qualificados? Se sim, quais?

Sim. Os jovens que tiveram a primeira experiência profissional já sabem aquilo que pretendem. O primeiro contacto com o mercado de trabalho é muito importante, porque os jovens sentem-se mais capazes de fazer escolhas e decidir aquilo que querem, o que muitas vezes não acontece com os jovens que ainda estão à procura do primeiro emprego

4 - Quais as principais vulnerabilidades que tem encontrado na inserção profissional dos jovens qualificados?

Com os estágios os jovens adquirem formação no próprio local de trabalho. Mas, por vezes, há desistências quando a empresa encarrega os jovens a realizar tarefas que não lhes competem. Mesmo depois de fazer o estágio, há jovens que não querem ficar na empresa porque já sabem aquilo que querem. Eles vão-se adaptando aquilo que encontram no mercado de trabalho, se não se sentirem realizados profissionalmente numa empresa procuram outra coisa.

5 - Quais as competências que, atualmente, são mais valorizadas em contexto profissional/pelas entidades empregadoras?

É importante o jovem estar de acordo com as necessidades da empresa, moldarem-se às características e normas da empresa. Os empregadores procuram adaptar a pessoa às características da empresa, há um foco nas competências do trabalhador. Mas também é importante a empresa estar bem estruturada para permitir que o jovem se adapte bem.

6 - Quais as motivações e expectativas destes jovens quando procuram os centros de emprego?

Acesso às medidas de emprego, à formação e para a inscrição nas ofertas de emprego, eles têm acesso ao netemprego que facilita a visualização e a inscrição em ofertas de emprego. Quando estão em estágio têm expectativas elevadas de continuidade na empresa.

7 - Considera que estas expectativas encontram correspondência no mercado de trabalho? Porquê?

Há uma boa percentagem de colocações após os estágios. Mas se os jovens encontrarem uma empresa que lhes proporcione a oportunidade de progredir na carreira, um melhor salário e um bom ambiente de trabalho eles mudam de empresa.

8 - Que mecanismos e recursos dispõem os centros de emprego para auxiliar a inserção profissional dos jovens qualificados?

Há acompanhamento dos jovens, medidas de emprego

9 - Quais as medidas de emprego maioritariamente utilizadas para a inserção destes jovens no mercado de trabalho?

Estágios e contrato-emprego

10 - Que balanço faz destas medidas?

Há uma boa percentagem de colocações e também há uma boa adesão por parte das empresas.

11 - Que balanço faz da inserção profissional dos jovens qualificados inscritos no centro de emprego?

É facilitador tem um local onde os jovens se podem dirigir e ser acompanhados e informados.

12 - Quais as áreas onde se verifica uma maior integração destes jovens?

Não sei.

13 - Qual o tempo médio de inserção?

A análise dos processos demora cerca de 1 mês a 1 mês e tal. Por vezes as empresas demoram algum tempo a enviar informações.

14 - Considera que poderão existir/que são necessárias outro tipo de respostas para atenuar as dificuldades de inserção profissional destes jovens? Se sim, quais?

O estágio-emprego tem sido uma medida muito eficaz. Ajuda os jovens a perceber o funcionamento da empresa, que contributo podem dar à empresa, há um processo de aprendizagem e permite pôr em prática os conhecimentos formais. No entanto, as empresas também devem ter em conta os jovens

15 - Enquanto técnico/a do IEFP, que ações considera que os jovens qualificados poderão desenvolver para promover a sua integração no mercado de trabalho?

Melhorar os conhecimentos através de ações de formação, adquirir competências transversais. Para alguns jovens é importante assistir a sessões de preparação de entrevistas e de como elaborar um bom currículo.

Entrevistado/a: Técnica 7

Duração da entrevista: 18min (Início: 16:05min - Fim: 16:23min)

1 - Como caracteriza o modo como os jovens qualificados recorrem aos centros de emprego?

Os jovens e a população em geral recorrem muito aos centros de emprego, até porque o Instituto do Emprego e da Formação Profissional tem um conjunto de medidas muito destinadas aos jovens em termos de programas de inserção, como são os estágios etc, e mesmo a própria formação e, como tal, há um contacto entre as empresas e os jovens que é através da nossa

base de dados. Penso que quase todos os jovens se inscrevem nos centros de emprego quando terminam as suas qualificações. A maioria inscreve-se após terminar o curso, embora haja alguns estudantes que o façam durante, até porque com a situação económica do país houve essa necessidade de alguns jovens terem de trabalhar durante o curso, mas a maioria acho que é após.

2 - Quais as principais dificuldades com que estes jovens se confrontam na sua entrada no mercado de trabalho?

Nesta época da nossa vida, da nossa sociedade foi um bocado este período de crise económica que o país teve, o que levou muitos jovens a terem que emigrar. Felizmente as coisas neste momento estão a voltar um bocado à normalidade, a economia está a retomar e eu penso que essa é a principal dificuldade. Não tanto o não terem experiência, que as pessoas antigamente falavam muito nisso, mas é mesmo a falta de oportunidades devido à situação de crise pela qual o nosso país passou.

3 - Considera que existem diferenças entre a procura do primeiro emprego e após a primeira experiência profissional dos jovens qualificados? Se sim, quais?

Poderá haver algumas diferenças, até porque os jovens do primeiro emprego muitas vezes conseguem a sua oportunidade através da medida estágio-profissional e quando, por vezes, não ficam na empresa e procuram a tal segunda oportunidade e que já não têm o tal apoio pode ser mais difícil novamente encontrar uma colocação no mercado de trabalho. Isto quando não ficam na empresa, porque há muitos que ficam. Os que não ficam, como depois já não podem fazer um segundo estágio pode haver essa dificuldade. Agora, por outro lado, também há empresas que procuram pessoas com alguma experiência e, nesse caso, podem dar prioridade a quem já teve essa experiência. Mas que temos noção que as empresas se candidatam a estágio profissional e que procuram alguém que nunca o tenha feito, dão oportunidade a quem acaba um curso. Agora nós sabemos que há aquelas áreas, a informática, neste momento um engenheiro informático, alguém na área da informática, consegue um estágio, consegue logo trabalho, aliás fica logo na empresa. Se falarmos de área, talvez não sei, a área agrícola, as áreas do ensino, são áreas mais complicadas. Isto é como tudo, as engenharias continuam a ter uma maior aceitação no mercado de trabalho e, às vezes, as áreas sociais, por exemplo a psicologia, são áreas com maiores dificuldades. A resposta pode ser um pouco variada conforme o tipo de empresa que estamos a falar.

4 - Quais as principais vulnerabilidades que tem encontrado na inserção profissional dos jovens qualificados?

Eu acho que é fundamentalmente a área de formação. Nós temos aqui alguns jovens, por exemplo na área do cinema, não é fácil integrá-los porque são áreas muito concretas, são áreas que por exemplo na nossa zona é mais complicado. A áreas das línguas, a área da psicologia, a sociologia de alguma maneira, mas mesmo assim eu acho que a psicologia é mais complicado,

as áreas das ciências sociais nesse aspeto, e eu acho que a formação base realmente vai fazer a grande distinção na inserção. Os engenheiros civis, por exemplo, que antes tinham sempre trabalho, agora passaram por uma fase mais complicada. Enquanto que a área da medicina, a área das engenharias mecânicas, eletromecânicas ou informáticas, eu acho que é fundamentalmente a área de formação. Eu acho que nós quando vamos para um curso temos tendência a ir para aquilo que gostamos e há uns anos atrás isso fazia muito sentido. Hoje em dia acho que temos de medir um bocado entre aquilo que gostamos e as oportunidades que temos de trabalho, acho que é um bocado por aí.

5 - Quais as competências que, atualmente, são mais valorizadas em contexto profissional/pelas entidades empregadoras?

Eu acho que as competências de comunicação, sociais, de disponibilidade, no fundo tudo o que está um bocado ligado à inteligência emocional, a capacidade de adaptação, a capacidade de colaboração, a criatividade. Eu acho que estas são as principais competências que uma empresa ou o entrevistador numa entrevista vai avaliar, associado como é lógico à formação base, que é aquilo que está à procura. Mas que se calhar antigamente o curso chegava, hoje vão-se avaliar muito mais as competências. As competências linguísticas, a capacidade de adaptação, que muitas vezes está ligada também ao currículo que a pessoa teve, lá está o ter experiências profissionais ao longo do curso, o ter feito Erasmus. Ou seja, são tudo vivências que dão competências à pessoa, que se calhar a empresa vai valorizar, porque é uma pessoa com muito mais vivências e capacidade de adaptação que alguém que só estudou e que se calhar fica um bocado mais limitado.

6 - Quais as motivações e expectativas destes jovens quando procuram os centros de emprego?

Que os ajudemos a resolver a sua situação e, principalmente, vêm à procura de um estágio profissional, eles têm noção dessa situação. Também um pouco de formação, lá está, a formação transversal. Porque na universidade a formação é se calhar muito teórica e etc, e nós aqui, por vezes, também temos alguma formação que pode ajudar a completar o currículo, por exemplos as línguas, a informática, a animação e a comunicação. Lá está as tais competências transversais que são importantes para juntar ao currículo e acho que, fundamentalmente, são nestas duas áreas que nos procuram. (Aspeto de continuidade na empresa e de mudança de empresa) As pessoas tentam ter alguma estabilidade, é normal, quando estão satisfeitas na mesma empresa querem continuar, agora se não estão satisfeitos... Eu acho que agora os jovens gostam de viver várias coisas, o estarem muitos anos ligados à mesma empresa já não é tão comum, se calhar como no meu tempo que as pessoas entravam para uma empresa e ficavam. Hoje em dia o mercado de trabalho também não o permite, as pessoas mudam muito por diversas razões, os contratos são temporários, os estágios terminam. Mas eu acho que o próprio jovem vai tentando procurar, conforme a experiência que vai criando, vai tentando subir na vida e vai procurar outro tipo de empresas que possam abrir outros horizontes e ensinar mais,

acho que isto é muito importante nos jovens porque acho que há uma sede muito grande de saber, de conhecer e que é bom.

7 - Considera que estas expectativas encontram correspondência no mercado de trabalho? Porquê?

Eu acho que os jovens vêm com muitas expectativas, que é normal porque é o sonho que comanda a vida, eu acho que têm muita expectativa, mas que depois na realidade essas expectativas podem ser um bocado defraudadas, porque o mercado de trabalho é duro. Lá está, um conjunto de competências imensas que as empresas exigem, não é só saber fazer a profissão, exercer a profissão em si, é saber falar línguas, é saber muita informática, é saber estar, é saber falar, é ter disponibilidade de horários, é ter disponibilidade para viajar, enfim, por isso é que, em Portugal, há este problema da conciliação entre a vida profissional e pessoal, quando as pessoas começam a ter filhos não é fácil. E quando se está na universidade, às vezes, não se tem muita noção desta realidade, as empresas são muito exigentes, exigem muito, também dão em alguns casos e outros não, mas é preciso, de facto, estar-se preparado para enfrentar este mundo que é competitivo e exigente a estes níveis que eu acabei de referir.

8 - Que mecanismos e recursos dispõem os centros de emprego para auxiliar a inserção profissional dos jovens qualificados?

Estão em primeiro lugar temos uma base de dados onde registamos quer as ofertas, quer os candidatos, portanto um ajustamento entre os dois lados. Temos também a base de dados, a chamada rede eures, que permite às pessoas procurar as ofertas de trabalho a nível da europa e mais alguns países. Temos toda a formação disponível para ajudar as pessoas a qualificarem-se e inseri-las no mercado de trabalho e temos as medidas de apoio às empresas, que é fundamentalmente a questão dos estágios e do contrato emprego, que é um apoio à contratação e que abre, de facto, as portas a muita gente. Eu acho que temos um conjunto de recursos muito bons neste momento e que, de facto, têm ajudado a colocar as pessoas no mercado de trabalho e também tem levado um bocado a evoluir a economia.

9 - Quais as medidas de emprego maioritariamente utilizadas para a inserção destes jovens no mercado de trabalho?

Nós trabalhamos com algo muito concreto, temos a questão da formação, a formação podemos dizer tem um conjunto de medidas, de modalidades, temos a formação de adultos, temos a vida ativa que é para jovens e, como referi, os estágios e o próprio contacto das empresas, que nos contactam e que nós podemos divulgar as ofertas e a própria pessoa também se pode inscrever no netemprego e ter acesso, é uma base de dados muito boa.

10 - Que balanço faz destas medidas?

Não sei precisar números, mas sei que os números são muito bons, sei que temos tido sucesso e que temos levado à inserção uma percentagem bastante elevada dos jovens que aqui se inscrevem no mercado de trabalho.

11 - Que balanço faz da inserção profissional dos jovens qualificados inscritos no centro de emprego?

É um bocado no mesmo seguimento, de conseguirmos efetivamente dar uma resposta a quem nos procura. Isto vai variar muito, enquanto nós colocamos determinados jovens de certas áreas num mês ou dois, há jovens de outras áreas que pode demorar sete, oito, nove meses, lá está depende da formação base da pessoa. (Dependendo das áreas, há muitos jovens que estão desempregados à mais de um ano?) Não há muitos, até aos 29 anos não há muitos desempregados há mais de um ano. Nós temos um grupo de pessoas desempregadas há mais de 1 ano, são pessoas de mais idade. Quanto mais jovens são as pessoas e mais qualificações têm, mais rápida é a colocação no mercado de trabalho e, portanto, não é uma percentagem muito elevada que fica inscrita no centro de emprego há mais de 1 ano.

14 - Considera que poderão existir/que são necessárias outro tipo de respostas para atenuar as dificuldades de inserção profissional destes jovens? Se sim, quais?

Sim, há sempre mais alguma coisa que podemos fazer. Por exemplo, apoiamos as empresas ainda mais em outros aspetos para poderem colocar os jovens, por exemplo em termos dos apoios salariais, se calhar em Portugal os valores não são muito elevados, porque no estágio o valor não é muito elevado. Por exemplo, para um jovem se poder deslocar para outra cidade, a coisa pode ficar um bocado mais complicada, por causa dos apoios. Portanto, eu acho que devia existir mais apoios para incentivar a mobilidade, apoios para as empresas que contratam pessoas, por exemplo, no interior, que neste momento nós temos o interior a ficar desertificado. Portanto, nós precisamos de políticas que atraiam além das empresas que, algumas já têm vindo para cá (altram, pt e outras empresas que têm estado a vir para cá), precisamos ainda de mais e precisamos dos tais apoio que também motive os jovens a vir para cá. E isso tem de ser incentivos financeiros, porque a base de uma sociedade de desenvolvimento, além da cultura, educação, depois é a parte financeira, porque muitas pessoas não conseguem estar deslocadas a receber 600, 700 euros que muitas empresas pagam e a questão do estágio profissional, tudo bem que é um primeiro emprego, mas que, às vezes, é difícil pagar uma renda e etc e, portanto, eu acho que há sempre muito mais que se pode fazer e nesse aspeto acho que é importante.

15 - Enquanto técnico/a do IEFP, que ações considera que os jovens qualificados poderão desenvolver para promover a sua integração no mercado de trabalho?

Além das coisas base como enviar um currículo, conhecer bem o mercado de trabalho, porque há jovens que não conhecem bem o mercado de trabalho e ficam um bocado limitados a 3, 4

empresas ou a uma área ou outra. Às vezes a sua formação base até se adequa a outro tipo de empresas. Conhecer o mercado de trabalho nacional ou local para mais rapidamente também podem abordar as empresas. Serem criativos na maneira como abordam as empresas, porque hoje em dia enviar um currículo normal como toda a gente, se calhar, não sei, pode não ser tão rapidamente lido como alguém que tenha alguma ideia original, que se desloque, que vá falar com a pessoa que pode realmente vir a integrá-la e estar em formação contínua. Eu acho que hoje em dia não podemos parar de aprender, porque só ter um curso por si é o início, é o primeiro degrau, depois a seguir vem tudo o resto que são as tais competências que estão além do curso e que também vêm da formação.